

**BARRENETXEA, Iban. *O conto do carpinteiro*. Tradução de Eduardo Brandão. Ilustração de Iban Barrenetxea. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016. 48 p. Título original: *El cuento del carpinteiro*.**

Lilian Pereira Nascimento

Universidade Federal do Pará, Belém, Pará / Brasil

[lilian@ufpa.br](mailto:lilian@ufpa.br)

Marie-Hélène Catherine Torres

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina / Brasil

[marie.helene.torres@gmail.com](mailto:marie.helene.torres@gmail.com)

A tradução de literatura infantil e juvenil vem despertando o interesse dos pesquisadores dos Estudos da Tradução e de outras áreas pelo considerável número de publicações do gênero lançadas a cada ano. O incentivo à publicação dessas obras se deve tanto às premiações como aos programas de apoio à tradução de livros voltados a crianças e jovens. Para se ter uma ideia, em 2016 uma só editora publicou 15 traduções de literatura infantojuvenil, entre as quais está o livro *O conto do carpinteiro*, do autor e ilustrador Iban Barrenetxea, traduzido para o português por Eduardo Brandão.

Nascido em 1973 em Elgoibar, País Basco, no Norte da Espanha, Iban Barrenetxea trabalhou como *designer* gráfico por dez anos, antes de se tornar ilustrador e escritor de literatura infantil e juvenil, carreira que iniciou escrevendo e ilustrando as obras *Bombástica naturalis* (2010) e *El cuento del carpintero* (2011), lançadas pela editora A Buen Paso. Desde 2011, Iban Barrenetxea vem recebendo diversos prêmios, entre os quais a placa de honra da Bienal Internacional de Ilustração de Bratislava (2011), pela obra *Bombástica naturalis*; o prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), no Brasil, em 2017 – categoria Tradução

/ Adaptação Criança –; e o primeiro prêmio da categoria de Libros Infantiles y Juveniles del Ministerio de Educación, Cultura y Deporte de España (2016), pela obra *Benicio y el prodigioso naufrago* (2016). Suas ilustrações já foram expostas em vários países, como Espanha, Itália, Reino Unido, Portugal e Japão, e seus livros já foram traduzidos para as línguas francesa, portuguesa, inglesa, russa, japonesa e coreana.

*O conto do carpinteiro* narra a história de Firmín, um carpinteiro de tal excelência que sua fama corria pelo mundo e, por causa disso, recebe, certo dia, a visita do mensageiro do Barão von Bombus, que lhe pede que realize algo muito importante. O enredo apresenta duas linhas narrativas: a de Firmín, um carpinteiro ímpar, que cria coisas fantásticas que ganham vida (a exemplo da pastorinha de imensa beleza que, assim que foi esculpida pelo artesão, recebeu dois pedidos de casamento, mas que, infelizmente, por admiração e inveja, é roubada); e outra, que diz respeito às criações realizadas pelo carpinteiro para o Barão. Acompanhando o enredo do maravilhoso livro temos as suas ilustrações magníficas, que, preenchendo as páginas de ponta a ponta, permitem ao leitor ver tudo: a arquitetura da casa do Barão e de seu automóvel, e, no verso, a ilustração de seu quarto (essas imagens se estendem, cada, por quatro páginas contínuas, que se desdobram); o desenho de cada personagem, e a elegância das cenas, num jogo de cores e figuras geométricas que possibilita leituras detalhadas das imagens. O que mais se repete, tanto no enredo como na ilustração, é a cena do quarto do Barão, sempre acamado e solicitando ajuda. O quarto é o lugar de encontro de todos os personagens. Há também uma progressão, tanto na ilustração como no enredo, das cenas de guerras de que o Barão participa depois de ganhar seu primeiro braço de madeira: a guerra em terra, com o Barão no tanque de guerra; a guerra no ar, com o Barão no avião; e a guerra no mar, com o Barão no navio de guerra.

A obra de Barrenetxea foi lançada em 2011, na Espanha, e sua tradução para o português foi publicada no Brasil somente em junho de 2016, pela editora Companhia das Letrinhas. Essa editora já havia publicado, no ano anterior, tradução de outra obra do mesmo autor e ilustrador: *O único e verdadeiro rei do bosque*. As duas obras foram vertidas por Eduardo Brandão, tradutor com mais de 35 anos de profissão, especializado na língua espanhola e francesa, que já traduziu 180 livros para a Companhia das Letras. O que mais desperta atenção nas publicações traduzidas por essa editora é a não indicação do nome

do tradutor na capa, informação que, no caso de *O conto do carpinteiro*, aparece uma única vez, na página seguinte. Seu nome não figura nem mesmo na ficha catalográfica, o que traz certo descontentamento aos tradutores e estudiosos da tradução, visto que na atualidade é muito comum encontrarem-se espaços, dentro do livro, para a voz do tradutor, em que são discutidas e justificadas suas escolhas – os chamados *paratextos*, como nota do tradutor, prefácio, posfácio, além de notas de rodapé dentro do texto. Esse caso específico de invisibilidade do tradutor, Venuti, em “Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology” (1992), chama de *consumibilidade*: quanto maior a acessibilidade da tradução e sua legibilidade, maior será sua influência e prestígio no mercado de livros como mercadoria, dificultando a visibilidade do tradutor.

A edição publicada na Espanha e sua tradução brasileira possuem algumas similaridades: suas capas são bastante parecidas, trazendo no centro a imagem da estátua do Barão numa bicicleta, de perfil, como uma silhueta negra, estampada no fundo vermelho da capa, somente diferenciando o lugar do título. A edição espanhola, entretanto, é de capa dura, contrariamente à da tradução. Nas duas edições, a última página do livro tem informações sobre o autor / ilustrador Iban Barrenetxea. É interessante observar que o começo da narrativa, em espanhol, não se dá pelo habitual “Érase una vez”, muito comum nas entradas dos contos de fada dos países de língua hispânica, mas com a expressão “Había una vez”. O tradutor Eduardo Brandão optou pelo “Era uma vez”, tradicional nos contos de fadas de língua portuguesa, para não provocar estranhamento no leitor lusófono. Brandão não traduz a ousadia do escritor, que foge ao usual em espanhol. Nas páginas seguintes, vemos a belíssima ilustração da oficina de Firmín, seguida de duas páginas de texto escrito, sem ilustrações, com a descrição dos objetos feitos pelo carpinteiro. O tradutor optou por incluir o pronome pessoal *ele* no início do parágrafo, para enfatizar que realmente é o carpinteiro Firmín o autor dos objetos: “Ele fabricava rodas tão perfeitas [...]” (p. 8). Em espanhol o autor não sentiu necessidade do pronome: “Fabricaba unas ruedas de tal perfección [...]” (p. 7).

Outro ponto importante é a tradução do intensificador *de tal*, do espanhol (que existe também na língua portuguesa), por *tão*, modificando o tom poético do texto original, pois exigiu a troca dos substantivos *gracia* e *delicadeza*, do excerto “Sus mesas jamás cojeaban, es más, presumian de tal gracia y tal delicadeza que, al mirarlas de reajo, parecían bailar el

minué” (p. 7), pelos adjetivos *graciosas e delicadas*, em “Suas mesas nunca bambeavam. Melhor ainda: eram tão graciosas e tão delicadas que, olhando para elas pelo canto dos olhos, pareciam dançar um minueto” (p. 8).

Em entrevista concedida ao *Blog da Letrinhas*, do grupo Companhia das Letras, Brandão diz considerar que o tradutor tem um dever com o autor em relação à fidelidade, como reproduzir o estilo, as peculiaridades, a linguagem formal ou popular – rebuscadas ou não –,<sup>1</sup> ou seja, ser fiel aos traços de época, construções e imagens do autor e da obra em tradução. É notória a concepção de Brandão sobre a tradução, uma visão que parte da fidelidade ao original, mesmo encontrando-se em sua fala algumas questões relevantes sobre a “letra” na tradução. Como afirma Berman, em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2013), desde sempre se falou duas palavras sobre tradução: fidelidade e exatidão. É mais uma paixão ética que propriamente literária ou estética, pois na tradução “[o] ato ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro”.<sup>2</sup>

São algumas particularidades do processo tradutório d’*O conto do carpinteiro* que trazem questionamentos. A obra dirigida ao público infantil foi, entretanto, muito bem produzida, e, de maneira geral, a tradução não comprometeu seu valor estético e literário; pelo contrário, a tradução, juntamente com as ilustrações, presenteia o leitor com grande beleza nos detalhes. Em entrevista concedida ao *blog Club Kirico*, em 2012, quando recebia o Prêmio Libro Kirico, oferecido pelos livreiros espanhóis pela obra destaque do ano, Iban Barrenetxea afirma que “o melhor de escrever e ilustrar é que assim posso brincar de combinar as coisas: o que quero que se veja, o que quero que se leia, o que quero ocultar no texto, mas quero que se veja na imagem, e o contrário”.<sup>3</sup> Barrenetxea realmente sabe o que faz em sua criação literária e imagética. Unindo as duas artes, o resultado é o fruir estético.

Para finalizar esta resenha é imprescindível destacar a leitura final que *O conto do carpinteiro* oferece, que não se encontra nos detalhes,

<sup>1</sup> BRANDÃO. Tradutor é fazedor de pontes.

<sup>2</sup> BERMAN. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, p. 95.

<sup>3</sup> “Lo mejor de escribir y dibujar es que así puedo jugar mucho a combinar las dos cosas: qué quiero que se vea, qué quiero que se lea, qué quiero ocultar en el texto pero que se vea en la imagen, y al revés” (BARRENETXEA. Entrevista a Iban Barrenetxea, [s.p.], tradução minha).

mas no todo da obra, ao sugerir que há uma escolha a se fazer quando se termina a leitura: assumir a postura do carpinteiro, produzindo coisas belas, mágicas e úteis, o que, de forma geral, só traz ganhos (boa reputação, criatividade e companhia); ou assumir a postura do Barão, pedindo a guerra e sabendo que terá uma vida cheia de perdas (dos membros do corpo, da companhia de familiares e amigos e do amor próprio). É uma obra literária infantil com teor puramente humano. É por meio do lúdico, do maravilhoso e do fantástico que Barrenetxea, no seu ato criador, oferece às crianças, pelo plano da imaginação, um direito bastante humano, o direito à literatura, de que nos lembra Antonio Candido.<sup>4</sup> A narrativa (linguagem poética) flui com muita facilidade, estimulando a imaginação: à medida que a criança lê, as imagens vão se formando em sua mente, enriquecidas pelas ilustrações. O que compete às obras de literatura infantil é tratar de assuntos para os quais não cabe a lição objetiva, rígida e fria, mas uma especulação singular, particular e poética a respeito da busca do sentido da existência.

## Referências

BARRENETXEA, Iban. *El cuento del carpintero*. 3. ed. Barcelona: Ed. A buen paso, 2015.

BARRENETXEA, Iban. Entrevista a Iban Barrenetxea. *Club Kirico*, 10 jul. 2012. Entrevista. Disponível em: <<https://www.clubkirico.com/entrevista-a-iban-barrenetxea/>>. Acesso em: 18 set. 2017.

BARRENETXEA, Iban. *O conto do carpinteiro*. Tradução de Eduardo Brandão. Ilustração de Iban Barrenetxea. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016. 48 p.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Andréia Guerini, Marie-Hélène C. Torres e Mauri Furlan. 2. ed. Rio de Janeiro: 7letras, PGET, 2013.

BRANDÃO, Eduardo. Tradutor é fazedor de pontes. *Blog das Letrinhas*, 30 maio 2017. Entrevista. Disponível em: <<http://www.blogdasetrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Tradutor-e-fazedor-de-pontes>>. Acesso em: 10 jul. 17.

---

<sup>4</sup> CANDIDO. O direito à Literatura.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-264.

VENUTI, L. *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. London, New York: Routledge, 1992.

Recebido em: 26 de outubro de 2017.

Aprovado em: 1º de dezembro de 2017.